

RESENHA

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Roberta Gleyciângela Souza LOPES¹

Palavras-chave: formas linguísticas tradicionais; formas linguísticas inovadoras; democratização das relações linguísticas no Brasil.

Keywords: traditional linguistic forms; innovative linguistic forms, democratization of linguistic relations in Brazil.

Os estudos recentes de Linguística discutem as noções de certo e errado que circulam em nossa sociedade e propõem a aceitação plena de formas linguísticas não tradicionais, mas já utilizadas no português brasileiro. Até agora, infelizmente, essas formas ainda são discriminadas, embora ocorram em todas as modalidades da língua, inclusive na escrita mais monitorada e na literatura consagrada.

São comuns, em nossa sociedade, confusões relativos às noções de certo e errado, pois é comum considerar como erros os modos diferentes de falar e como certos apenas os usos que seguem a norma padrão. A forma padrão é, na verdade, apenas uma das modalidades da língua e não a única.

Para os leitores interessados em aprofundar os conhecimentos sobre a democratização das relações linguísticas no Brasil, recomenda-se a leitura da obra *Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro*, produzida por um pesquisador renomado na área de estudos sociolinguísticos.

Marcos Bagno, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, tornou-se professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília em 2002, onde atuou no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas até 2009, quando se transferiu para o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

Como escritor, Bagno recebeu diversos prêmios e sua produção

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: gleyciangela@hotmail.com

soma no momento mais de 30 títulos, entre literaturas e obras técnico-didáticas. Atua também como tradutor e suas áreas de interesse são a sociolinguística e a literatura infanto-juvenil, bem como as questões pedagógicas relativas ao ensino de português no Brasil.

O objetivo da referida obra, publicada em 2009, é defender o vernáculo brasileiro, conscientizando as pessoas a deixarem de considerar como erros tantos usos linguísticos já incorporados à língua.

O livro está organizado em duas partes: a primeira, intitulada "A Democracia do 'Tanto Faz'!", está dividida em quatro capítulos, em que o autor apresenta noções iniciais de Sociolinguística e esclarece algumas ideias divulgadas pelos linguistas, frequentemente distorcidas por desconhecimento ou má-fé.

Além disso, o autor ressalta que não intenta pregar a ideia do "falar de qualquer jeito" ou se opõe ao ensino das formas tradicionais. A obra quer reafirmar uma concepção já discutida em seus estudos anteriores e por outros linguistas consagrados: as formas linguísticas inovadoras, não contempladas pelas gramáticas normativas, precisam ser também consideradas legítimas e sua análise e descrição devem ser incorporadas progressivamente aos materiais didáticos.

"É certo ou errado falar assim?" é o título do capítulo inicial que compõe a primeira parte do livro. Nessa seção, o autor faz considerações a respeito de superstições linguísticas vivas em nossa cultura. É muito comum, por exemplo, pessoas sem conhecimento específico queixarem-se dos "erros" cometidos pelos falantes e associar a causa dos desvios a fatores como descaso, preguiça, corrupção moral e incompetência dos mestres.

Bagno esclarece que essas acusações são fundamentadas unicamente no senso comum e o que é frequentemente denominado como "erro", na visão dos estudos científicos, são fenômenos de transformação pelos quais a língua está passando.

O escritor, também, procura desmistificar algumas crenças bastante arraigadas como a de considerar as línguas de populações indígenas e africanas como sistemas de comunicação "primitivos" e "pobres" ou encarar o português falado pelos brasileiros como um uso "corrompido" e "deturpado" da língua "verdadeira", falada em Portugal.

Bagno faz ainda um paralelo entre citações brasileiras recentes e declarações de intelectuais portugueses dos séculos XVIII e XIX

divulgadas pela mídia e verifica que todos transmitem a concepção de que as formas inovadoras provocam a “decadência” da “língua original”.

Nessa parte, o objetivo da obra fica bem claro para o leitor: defender que os usos não contemplados nas gramáticas normativas são tão justos, bons e corretos quanto aqueles que elas acolhem. Tanto que o autor dá exemplos de escritores consagrados que usam opções alternativas e inovadoras, citando José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Carlos Drummond de Andrade e Antônio Cândido.

No segundo capítulo, “Quem são os puristas?”, o autor nos apresenta os puristas como defensores das formas linguísticas mais conservadoras. Para eles, as formas inovadoras são sinais de “corrupção” e “ruína” da língua e dos valores morais da sociedade.

Tem-se, a seguir, um breve histórico do termo “purista”, surgido na França e incorporado por alguns gramáticos brasileiros. Com o passar do tempo, essa palavra ganhou contornos pejorativos. Por isso nenhum purista gosta de ser chamado assim.

Bagno critica a intolerância dessa ideologia e considera como atitudes irracionais o desprezo dos puristas pela linguística científica e a tentativa inútil de reformar a língua, impedindo usos aceitos há séculos.

O livro se autodenomina como um “manifesto político contra o purismo irracional” (p. 34) e, para combater os argumentos falaciosos dos puristas, o autor lança mão de explicações sobre mudanças na língua fundamentadas em estudos da linguística contemporânea.

Assim, para contrapor as prescrições autoritárias dos puristas, o autor elenca exemplos através dos quais mostra que é possível encontrar diversos usos inovadores da língua também em gêneros textuais escritos com maior grau de monitoramento.

Nessa parte da obra, o autor apresenta algumas construções difundidas há muito tempo que, por isso, já constituem regras definitivamente implantadas, mas que, ainda, são alvo de rejeição por parte de professores e revisores.

O terceiro capítulo, “Para entender a mudança linguística”, parte da seguinte premissa: toda língua muda com o tempo, e enquanto houver falantes nativos, as mudanças e variações ocorrerão inevitável e incessantemente. Apesar de ser uma afirmação óbvia, alguns ainda consideram a mudança linguística como fator de empobrecimento da

língua.

Destaca-se, na obra, o papel do falante na alteração das regras de funcionamento do sistema linguístico a partir das possibilidades que a língua oferece e conforme as necessidades de comunicação e interação. Chega-se à seguinte conclusão: as mudanças linguísticas já estão, de certa forma, previstas no próprio sistema da língua e são resultantes da ação coletiva de seus falantes.

Os fatos apresentados vão provar que essas mudanças não ocorrem aleatoriamente. Pelo contrário, todo e qualquer fenômeno de mudança linguística pode ser explicado. O autor defende, portanto, que não existe o "erro comum": se determinado uso é altamente codificado por certa comunidade linguística, podemos interpretar que os falantes sentiram a necessidade de modificar as antigas regras para adequá-las aos novos modos de perceber a realidade.

É muito interessante uma consideração feita aqui: a grande maioria dos falantes nativos não sabe explicar o funcionamento da língua em termos teóricos, mas tem um conhecimento intuitivo da sua língua materna que os torna eficientes para intervir em seu funcionamento.

O autor propõe, adiante, uma reflexão sobre a antiga visão dicotômica entre fala e escrita, em que a escrita constituía o modelo de língua a ser ensinado e estudado, enquanto a fala era vista como uma forma corrompida da escrita.

A superioridade atribuída à escrita já foi revista pela linguística moderna. Ainda assim, a separação rígida entre as modalidades fala e escrita ainda é muito recorrente em nossa cultura.

No ensino de português, a oralidade ficou, por muito tempo, relegada ao esquecimento, mas as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais promoveram uma inovação ao propor o ensino sistemático da língua falada. Todavia, a mudança na pedagogia de ensino ainda é absolutamente nova para alguns professores que insistem em pautar o ensino de língua na distinção entre o certo e o errado, a escrita e a fala.

O quarto capítulo, último a constituir a primeira parte da obra, leva o título "Como consultar este livro". Neste tópico, o autor dá orientações ao leitor sobre a localização dos assuntos tratados e sugere a leitura de outras publicações que dialogam com a sua e que podem auxiliar o leitor a complementar seus estudos a respeito da temática

abordada.

Na segunda parte, o autor apresenta 51 fenômenos linguísticos que já foram, há muito tempo, definitivamente incorporados por todos os falantes, mas que ainda são condenados pelos defensores da ideologia retrógrada e purista.

A metodologia utilizada é a coleta de amplo material, constituído por textos de jornais e de revistas, textos acadêmicos e principalmente textos da internet. Nesse material, produzido pelas camadas privilegiadas da sociedade, o autor vai observar que os processos de mudança que afetaram até mesmo esses textos escritos, produzidos em situações de monitoramento, não podem ser considerados "erros".

Vale ressaltar a importância da obra por corroborar a literatura linguística de defesa da nossa língua materna contra a tradição normativa autoritária. A sua leitura é recomendada a todos os falantes do português brasileiro, e, principalmente, aos atores envolvidos no ensino de língua em nosso país.

O tema do preconceito linguístico é recorrente na obra de Marcos Bagno e, por isso, já foi considerada como repetitiva e pouco relevante para os estudos linguísticos. Entretanto, cada obra de Bagno enriquece o debate em torno da questão.

Além disso, a temática nunca foi tão atual quanto neste momento em que as publicações de obras didáticas que incorporam usos coloquiais do Português suscitam acalorados debates e são condenadas por ensinar os alunos a "falar errado".

Enfim, a busca por uma sociedade tolerante e igualitária inclui uma nova perspectiva de respeito e valorização dos diferentes comportamentos linguísticos. E a obra descrita aqui é de grande ajuda nesse propósito.

Recebido em 12 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.